

## MULHERES *QUEER*: construção das identidades de mulheres DJs em Goiânia

EDSON SUCENA JUNIOR<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo se propõe em compreender o processo de construção das identidades das mulheres DJs na cena *GLS* em Goiânia. Trata-se da contribuição de cinco mulheres que possuem variados estilos musicais e performáticos, mas se entrecruzam no talento e na subversão. Por compreender que a identidade é uma construção social e cultural, somos levados a pensar e problematizar noções como sentimento (*feeling*) e em qual sentido se pode percebê-las como “mulheres queer”. São mulheres que encontram na sua subalternidade modos de ser e de se expressar no mundo enquanto gênero e artistas na margem, em espaços com fortes marcadores sociais da diferença. Propõe-se também, através dessas mulheres, potencializar trânsitos e deslocamentos no que diz respeito às identidades impostas pela heteronormatividade. Logo, interrogar essas identidades na condição *queer*, nos permite questionar quais *performatividades* contornam as suas identidades. Portanto, torna-se indispensável um aprofundamento das noções de *queer* em Guacira Lopes Louro e Richard Miskolci.

**Palavras-chave:** Identidade. Mulheres. DJs. Subversão. *Queer*.

### INTRODUÇÃO

Nos mais variados locais da cultura festiva, percebe-se que a música é a expressão da alma humana, pois é manipulada de várias formas em múltiplos locais, possibilitando assim uma possível ligação com a emoção. Assim sendo, esses locais abriram caminhos para que o profissional DJ mostrasse suas performances e liberassem seus fluxos. São espaços religiosos, festivos de cunho de confraternização, festas do dia ou da noite, em qualquer ajuntamento pode-se encontrar esse artista liberando seus fluxos através das músicas tocadas. Simultaneamente a mulher veio conquistando seu espaço nas várias esferas sociais onde,

---

<sup>1</sup> Graduado em Educação Física (Eseffego) pela Universidade Estadual de Goiás (1997). Pós-graduado em Musculação e Treinamento de Força - Gama Filho (2011) e Docência do Ensino Superior - Fasem (2014). Foi dançarino da Banda Swing Brasil por 13 anos. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Dança Popular Brasileira. Atua como professor universitário e como mestrando no Programa de Performances Culturais 2015/1 EMAC, pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: [jrsucena@hotmail.com](mailto:jrsucena@hotmail.com).

outrora, imperavam os homens. Ao escolher “a pista sonora” para minha pesquisa de Dissertação de Mestrado (2015), resolvi focar em todas as mulheres DJs existentes na cidade de Goiânia, no ano de 2016, as quais são: a DJ Érica Lins, a DJ Fran de Carvalho, a DJ Karol Figueiredo, a DJ Laurize e a DJ Suzy Prado. Portanto, levantar o entendimento da construção dessas identidades femininas e de suas relações com a teoria *queer*, estudos propostos principalmente por Louro (2016) e Miskolci (2016), constituem os objetivos deste artigo.

## 1. INTERROGANDO AS IDENTIDADES

Antes de se aprofundar no objetivo principal do artigo, torna-se imprescindível que se compreenda algumas concepções no que diz respeito à identidade.

Em *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2011) define identidade contrapondo binarismos tradicionais acerca do sujeito onde era o “centro” do ser. Para o autor é necessário um descentramento desse sujeito, pensando-o em uma nova posição, deslocando e descentrando-o, retirando do centro. O autor trabalha com uma tríade do sujeito como: o sujeito do Iluminismo, Sujeito Sociológico e o Sujeito pós-moderno. É nesse último que a pesquisa se apoia, pois para o autor, este sujeito não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. Neste caso a identidade torna-se uma celebração móvel sendo diretamente influenciado pelos sistemas culturais que nos rodeiam. Entendo que o sujeito assume uma pluralidade de identidades para situações variadas. A identidade aqui é sempre compreendido como momentânea, ou seja, incompleta e plural (HALL, 2011, p.13). À vista disso, percebe-se nessas mulheres uma pluralidade de identidades, pois através da coleta de dados, constatou-se que as DJs pesquisadas se definiram como lésbica, mãe, funcionária, esposa, artista, ou seja, vivendo várias mulheres em uma mesma mulher, com vários papéis sociais, de representatividade e de subjetividade. Mas será mesmo que essas mulheres precisam de uma identidade definida? Quem afinal precisa de identidade? Talvez as concepções do *queer* possam nos responder... Stuart Hall sobre a identidade na pós-modernidade, continua reforçando que nossas identidades e desejos são formados com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente. Nesse sentido a identidade se forma ao longo do tempo, não é algo nato (HALL, 2011, p.36). É dessa forma que as identidades das DJs podem ser contempladas e interrogadas, pois, tanto na música quanto em si mesmas,

carregam características plurais de identidades. Essa artista do barulho e do caos apresenta várias mulheres para fins diferentes, tanto nas artes quanto seus papéis sociais, portanto sua identidade não é fixa, ela é plural, é uma manipuladora excêntrica da alegria, é nômade na medida em que sua permanência nos locais de festas nunca são fixos, ela é um sujeito excêntrico. Nesse entendimento a DJ está no entre-lugar<sup>2</sup>, percebo esse nomadismo também pela definição de Navarro onde diz sobre essa identidade que é: “uma heterotopia de mim, um espaço outro, que, conectados a todos os espaços dos quais eu falo e sou, abre o caminho para transformação (SWAIN, 2005, p.340)” em outras palavras segundo Navarro Swain, é o lugar dos vários *eus* que se diferem, mas que na verdade, sou eu mesmo. Para ela o “eu” se torna possível enquanto sujeito através de “técnicas de mim” onde, dessa forma, sou capaz de afirmar minha existência. Essa liga se compõe nas linguagens culturais onde o sentimento é a célula principal para o acontecimento dessas práticas festivas.

Sara Salih, na obra *Judith Butler e a teoria queer (2015)* traz algumas concepções de Butler, acerca da identidade *queer* como “performativa”. Esse termo se diferencia da “performance” mas como o eixo desse artigo é a construção das identidades dessas DJs no viés do *queer*, essa discussão não será contemplada aqui. Assim Salih relaciona a performatividade com o gênero, ou seja, o gênero é constituinte da identidade que pretende ser:

O gênero é um ato que faz existir aquilo que ele nomeia: neste caso, um homem “masculino” ou uma mulher “feminina”. As identidades de gênero são construídas e constituídas pela linguagem, o que significa que não há identidade de gênero que preceda a linguagem [...] a linguagem e o discurso é que “fazem” o gênero (SALIH, 2015, p.91).

A autora afirma que não existe um “eu” fora da linguagem, uma vez que a identidade é uma prática e que os sujeitos são efeitos dos discursos que ocultam a sua atividade. Assim, a identidade de gênero é performativa, pois é um sujeito que se põe de pé e “encena” sua identidade. Logo, as mulheres DJs possuem também essa identidade

<sup>2</sup> Esse é um termo utilizado por Bhabha onde contesta em um direcionamento de uma consciência das posições do sujeito – “de raça, gênero, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade do mundo moderno” (BHABHA, 1998, p.19). O autor busca ultrapassar as narrativas das identidades sociais e subjetivas impostas anteriormente, intensificando-se na articulação de diferentes culturas que nunca se afirmaram no “centro” das referências tradicionais.

performativa, pois apresentam a força do seu gênero e do seu “feminino plural” manifestado pela potência da linguagem e do discurso de mulheres subversivas, não aceitam rótulos binários sociais e por isso são descentradas e à margem. Existe uma liquidez nas propriedades impostas pelas instituições tradicionais que não conseguem mais fixar modelos de homem e mulher. Eis que surge uma nova construção de identidade para essas mulheres, que é transitória. À vista disso é possível perceber que nos dias de hoje, a presença da mulher como DJ é cada vez maior. Houve uma mudança no paradigma artístico e profissional onde prevalecia sempre o homem, logo se lugar de mulher é em todos os lugares, porque não na picafe de uma pista de dança?

É dessa mulher independente que Simone de Beauvoir fala com bastante propriedade e poesia. Para a autora, “foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”. (BEAUVOIR, 2008, p.47) A autora que se refere a mulher como “o segundo sexo” instiga uma reflexão não somente à mulher, mas a todas identidades contemporâneas. Ela afirma que a mulher conquistou um poder merecido através do trabalho, onde as obrigações cotidianas também devem ser divididas aos homens como um todo. Para Beauvoir ninguém nasce mulher, e sim se torna mulher. Assim posto, a construção da identidade feminina é algo que se dá social e culturalmente fortalecidos pela linguagem e pelo discurso.

Importa-se então pensar e transpor a visão dessas mulheres DJs no viés do *queer* contemplando-as em suas multiplicidades de existências. São mulheres que (pelas entrevistas colhidas), não anseiam pela definição fixa de estética feminina no meio artístico, pois se modificam constantemente, são mães, mas também se relacionam afetivamente com outras mulheres (com exceção da DJ Karol Figueiredo), modificam constantemente os estilos eletrônicos das músicas que tocam. Essa plasticidade apresentada por elas, mostrou que não interfere negativamente em suas performances ou em suas identidades musicais, antes, nos permite experimentar sempre diferentes modos de deslocamentos e de modos de prazer e de vida.

## **2. A POTÊNCIA DAS MULHERES MÚSICAS NA CENA DA DIFERENÇA**

Sabe-se que a cidade de Goiânia possui fortes marcadores artísticos como os da música sertaneja. Percebe-se o surgimento de talentos femininos representando músicas sobre relação amorosa e vidas no campo. Embora isso seja um fato, a cidade também possui variados talentos artísticos onde seus trabalhos, na maioria das vezes, acontecem em locais “subalternos”, como é o caso das DJs. É certo que nos dias de hoje, esses profissionais são peças chave nos movimentos festivos e é indiscutível que a presença e a força da mulher alcançaram também esses lugares musicais, mas nem sempre foi assim. Segundo Claudia Assef em *Todo DJ já sambou* (2010) no início da atuação dos DJs no mundo, realizavam seus trabalhos tampados por uma cortina, pois não era interessante que suas imagens fossem expostas. Se fosse uma mulher, o preconceito era pior. Segundo a jornalista Assef, em meados da década de 70, a DJ Sônia Abreu foi a primeira mulher DJ no Brasil e pela investida em lugares até então dominada por homens, relata que sofreu enorme preconceito. Segundo Michele Rosaldo em *A mulher, a Cultura e a Sociedade* (1979), a mulher pode ter um peso importante e poderoso na sociedade, mas quando comparada às conquistas dos homens não há um valor ou um reconhecimento da mesma (ROSALDO, 1979, p.33). É bem verdade que essa afirmação se tornou obsoleta, ainda que alguns não reconheçam, pois as mulheres vêm conquistando seu espaço, não como muitos gostam de falar como “guerra dos sexos”, mas sim por concordar que todo ser humano independente de seu seguimento sexual, religioso ou social merece seu espaço. Portanto esse quadro não se sustentou, pois a mulher na música, como em vários outros segmentos “bateu o martelo na mesa” e vem mostrando seu poder, ainda que algumas partes da sociedade, do governo e de grupos machistas não reconheçam. Dessa forma, trazer a força e as vozes dessas mulheres fez com que a pesquisa adquirisse um caráter inovador e forte, visto que a inquietação das tensões políticas acerca dos homossexuais, negros, índios, lésbicas, transgêneros, anseiam na conquista por direitos, tendo suas subjetividades e diferenças, respeitados. Dessa forma, através de uma pesquisa de campo e sem nenhum critério de seleção, fiz o convite formal para que todas as mulheres DJs atuantes na cidade de Goiânia no ano de 2016, pudessem participar deste trabalho. Todas com muito carinho e dedicação aceitaram participar, sem qualquer queixa. Buscando preservar suas imagens e conteúdos, todas assinaram o Termo de Consentimento Esclarecido oferecido pelo Comitê de Ética da UFG. Essas artistas permitiram que seus nomes fossem publicados junto com seus manifestos sexuais e suas performances para compor o trabalho. São elas:



## 2.1 DJ Érica Lins

Erica Lins possui dezoito anos de carreira como DJ e atualmente além desse trabalho, é empresária de festas do segmento GLS e também é locadora de som com estrutura geral para eventos. Em entrevista cedida em dois de junho de 2015, essa performer disse ter sido a primeira mulher DJ na cena GLS e que começou tocando em festinhas em residências que na sequência foi convidada para tocar em festas grandes, onde obteve crescimento e reconhecimento. Atualmente a DJ é residente na boate *Disel*<sup>3</sup>, mas também faz trabalhos fora de Goiânia. Erica, DJ do estilo *house tribal* (*marcações sonoras eletrônicas mixadas ao som da percussão*), teve influência através de sua família que também são da área da música. Essa artista que usou por anos um visual do tipo “largado” com cabelos em forma de *drads*, atualmente transformou seu look para um estilo mais “patricinha”, com cabelos escovados e bastante maquiagem. “A identidade de um DJ se constrói com a personalidade. A pessoa ter característica própria do que se vai fazer. Minha personalidade tem que existir, ser o mais predominante (DJ Érica Lins, 2015)”. Percebe-se na fala dessa DJ que a personalidade, a qual se refere, é acerca da performance de sua identidade musical.

<sup>3</sup> Boate caracterizada ao público gay que funcionava até o ano de 2015 no setor Oeste em Goiânia.

## 2.2 DJ Fran de Carvalho

Fran de Carvalho possui nove anos de carreira como DJ, em entrevista cedida dia trinta de maio de 2015, disse que seu contato com a música foi desde criança mexendo nos discos e nas fitas de música de seu pai, a artista pensava que viria a ser uma dançarina ou bailarina, mas foi na picafe comando a alegria coletiva que ela se realizou como profissional. Mudou-se pra Goiânia em 2001 e foi conhecer uma boate que se chamava *Boate Jump*<sup>4</sup>. Lá ela presenciou a performance de um grande DJ pioneiro na cidade de Goiânia, *DJ Silver*. “Eu descobri naquela hora o que era DJ, tanto que hoje ele pra mim é minha mãe, eu falo que ele é minha mãe. Aí eu disse - isso aí que é ser DJ, é isso aí que eu quero...”. A DJ iniciou sua carreira tocando pra eventos “heteros” “- Não era muito minha praia não”. Na sequência passou a fazer participações trocando CDs num estabelecimento chamado “Rancho Goiás”. A performer se consolidou nas festas da chácara *Domingueira Millenium* e comandando uma pista numa festa anual chamada *Halloween*, da produtora Erica Lins. Atualmente trabalha no *Athena* em Goiânia como DJ, no projeto das terças do *Salto Alto* onde predomina estilos dançantes brasileiros como axé, forró, funk, etc. Essa DJ que é mãe reforça que o que compõe a identidade de um DJ é amor a música. “Se você pegar num equipamento técnico você aprende e as outras coisas, estilo você vai pegando. Entendeu, roupa isso é consequência. Se você tiver amor a música você vai... (DJ FRAN DE CARVALHO, 2015)”. Ao ouvir essa mulher falar de um sentimento tão rico, me fez perceber a forte relação desse sentimento na construção de seus sets que são predominantemente de estilos brasileiros dançantes, pois o grande desafio para ela (diferente das outras DJs) é fazer mixagens com músicas de estilos completamente diferentes uma da outra, sem exista uma “quebra” no som e sem que a *vibe* caia.

## 2.3 DJ Karol Figueiredo

Karol Figueiredo possui um ano e meio de carreira como DJ e foi a DJ mais recente a fazer parte dessa pesquisa, cuja entrevista foi cedida no dia 12 de Agosto de 2016. A *diva* buscou se profissionalizar na música como uma DJ, por influência de um ex-namorado e

<sup>4</sup> A boate precursora do segmento gay em Goiânia, dirigida pela empresária Regina, que se situava no setor Oeste em Goiânia.

iniciou sua carreira na cidade de Jataí-GO, sendo posteriormente, no dia 25 de Julho de 2015, convidada a fazer parte do quadro dos DJs residentes da boate *The Pub*<sup>5</sup> Goiânia, onde está até o presente momento. Em seus relatos, Karol afirma ser relaciona com pessoas do sexo oposto, sendo assim a única mulher das DJs dessa pesquisa, que não possui relação homoafetiva. Desta forma, o carinho e a admiração pelo público *gay* se deram no contato com esse segmento quando trabalhava em desfiles. “Desde muito nova eu desfilava e eu sempre estive no meio *GLS* e é um meio que eu sou apaixonada desde muito nova, então uma coisa puxou a outra (DJ KAROL FIGUEIREDO, 2016)”. Em sua fala, percebe-se algo que me incomodou como pesquisador, pois ela subverte a figura de menina doce e meiga quando sobe na *picape* e impõe uma mulher potente, poderosa e viril, tanto na sua estética quanto em suas músicas. Logo, sua participação nesse grupo de mulheres pesquisadas, também foi de extrema importância, pois se percebe um “hibridismo” no que diz respeito a multiplicidade de gêneros existentes tanto nos frequentadores desses lugares, nas músicas tocadas em seus sets e nas DJs. O lugar parece abraçar as artistas por suas performatividades e não por seus segmentos sexuais.

#### 2.4 DJ Laurize

Laurize de Oliveira atualmente é um ícone como mulher DJ na cena *GLS* pela vasta experiência nas festas eletrônicas no Brasil. Essa artista de quatorze anos de carreira, numa entrevista cedida em dezessete de junho de 2015, afirmou ter se tornado uma DJ sem nunca ter feito algum curso para tal. Começou a tocar em festas de amigos em meados de 2001 tendo sua carreira alavancada quando se tornou DJ residente da boate *The Pub*, inaugurada em 2005. Laurize diz ter se apaixonado pela música eletrônica, a partir de 1992 quando frequentou festas estilizadas, onde o DJ fazia a pista delirar, “Ia em todas as festas e ficava impressionada com as *performances* dos DJs, achava aquilo maravilhoso...vi que eu queria aquilo, me fazia bem...isso é o que me move. (DJ Laurize, 2015- grifos meus)”. A DJ que fez várias mudanças em seu visual vê o mercado para DJs mulheres como um mercado

<sup>5</sup> Boate também direcionada ao público gay, que está aberta ao público até o presente momento (out/2016), situada no Jardim Goiás em Goiânia.



amplo. Antes, Laurize era conhecida como a DJ do cabelo vermelho, mas atualmente mudou radicalmente para o loiro pastel. Para ela, o que compõe a identidade de um DJ é o estilo musical. É isso que caracteriza o que ela chama de “identidade musical”. “O povo costuma muito brincar comigo e falar assim, que quando eles estão chegando numa festa, - Nossa a Laurize já tá tocando, vamo lá” (DJ LAURIZE, 2015). Laurize, ao longo de sua carreira, sempre foi uma artista a qual se preocupava mais com o talento e o sentimento em pista, do que a estética “feminina”. É justamente por esse confronto cultural e social, a DJ modificou, pluralizou sua estética de mulher para nesse momento de sua carreira, representar essa “identidade”, mesmo sendo temporariamente.

Essa artista, em sua *performatividade*, me trouxe a reflexão da prática viva do sentimento em pista, onde o efeito do *feeling* atravessava a todo instante o público e a DJ numa espécie de vai-e-vem. “Claro que o ápice do público que a gente gosta de ver é todo mundo com a mão pra cima, gritando... Gosto muito de receber o coraçãozinho na pista que o povo manda... eu adoro! (DJ LAURIZE, 2015)”. Essa relação construída no ato da pista é o que faz as pessoas se identificarem com os DJs em geral, além do estilo musical que o mesmo segue. Foram várias as situações onde eu fui prestigiar o som dessa artista e em determinado momento da festa, ela soltava músicas que eu gostava muito. Sentia-me presenteado por ela e penso que só é possível compreender o peso desse significado, quando verdadeiramente estamos sensíveis aos códigos da música, festa, alegria, da amizade, sentimento e ao trabalho das DJs.

## 2.5 DJ Suzy Prado

Suzy Prado é a mais nova das DJs da pesquisa possuindo quatro anos de carreira, mas grande em talento e simpatia. Em uma entrevista cedida dia dois de junho de 2015, disse que trabalha atualmente somente como DJ residente do *The Pub*. A artista começou seu contato com a música sendo promoter numa boate que se chamava “*Moon Black*”, se apaixonou pela profissão DJ e foi fazer o curso em Brasília na “*DJ Academy*”. Sua maior

oportunidade de crescimento como profissional se deu no “*Athena Pub*”<sup>6</sup> por onde trabalhou por quatro anos. A artista disse na entrevista que começou sozinha, pois não tinha conhecidos na noite. “Tem muitas pessoas que infelizmente não gostam de ver o novo, tem medo de perder o seu lugar, mas com muita sabedoria que Deus me deu eu consegui... (DJ SUZY PRADO, 2015)”. Na opinião da DJ, a identidade de um DJ se constrói ao longo da trajetória e da experiência, tanto quanto ao estilo musical quanto ao estilo visual. A característica marcante das músicas de seus sets é um som *progressivo*<sup>7</sup>, enquadrado geralmente na última parte do *line-up*<sup>8</sup> da festa por ter que dar conta de segurar a *vibe* do público e por isso a característica do som é mais pesado e sem vocal. Mas isso não fixa a característica da DJ como a artista que sempre encerra as festas. Atualmente a DJ não possui vínculo de exclusividade com a boate The Pub, sendo como a maioria das DJs entrevistadas consideradas como atristas nômades.

Ora trazer a potência dessas mulheres permite embaralhar (pre)conceitos estabelecidos, tanto no que diz respeito à figura feminina, quanto suas sexualidades múltiplas nos lugares com fortes marcadores da diferença<sup>9</sup>.

### 3. ELAS FORMAM O “ARCO-ÍRIS” DOS PEDAÇOS FESTIVOS GAYS

No dia dezesseis de setembro de 2015, o “Jornal Hoje” do canal aberto da Rede Globo transmitiu em rede nacional, uma matéria sobre a predominância das artistas mulheres

<sup>6</sup> Bar dançante para o seguimento gay, ainda aberto ao público até o presente momento (out/2016), localizado no Setor Central em Goiânia.

<sup>7</sup> Progressivo: Em entrevista cedida pela DJ Suzy Prado em 02/06/2015, ela afirma ser um estilo musical que surgiu na Inglaterra buscando uma fusão da música pop, música clássica, jazz e até folclore celta, explorando ao máximo uma tecnologia de mixagem de teclados eletrônicos como sintetizador, tornando os arranjos pesados.

<sup>8</sup> Line-up: Expressão usada pelos produtores de festas e DJs que designa lista de todos DJs que tocarão em determinada festa.

<sup>9</sup> Este termo é utilizado como pano de fundo e como território para poder pensar a “diferença”, cunhados por sua vez, na tradição Nietzscheana e pós-estruturalista. Sua filosofia é uma crítica aos valores da religião, da sociedade, da moral, da cultura e das relações de poder que imperam em nossa sociedade. A Filosofia da Diferença de Deleuze & Guattari vem para contestar a representação e fazer do pensamento uma “máquina de guerra”. A noção de “diferença” para Avtar Brah (2006) se dá na **diferença como experiência** – no plano do feminismo, por exemplo, se dá na forma de construção cultural; **diferença como relação social** – se refere à construção e organização das relações como um todo levando à construção das identidades de grupo; e **diferença como subjetividade** – através do discurso se fortaleceu manifestos como o sentimento e o desejo, que por sua vez, não poderiam ser entendidas de forma homogênea.

ao longo dos anos e principalmente no evento “Rock in Rio 2015”. Foi revigorante presenciar uma matéria jornalística acerca da força feminina. Ficou claro que mundialmente a mulher, na música e nas artes vem conquistando seu espaço. Mas quando se pesquisa, é necessário permitir atravessamentos e aprofundamentos naquilo pesquisado e realizar um trabalho acerca de mulheres, se faz necessário subverter todas as construções que até então reinaram acerca desses corpos. Ao explorar essas DJs, ocorreu-me um convencimento de que jamais as mulheres poderiam ser vistas como aquelas que possuíssem uma identidade fixa. Mas essas mulheres DJs poderiam ser consideradas ou contempladas como *queer*? Mas o que de fato venha ser isso? Como surgiu?

Richard Miskolci diz que este termo tanto político quanto teórico surgiu na década de 1960 como uma crítica à ordem sexual dessa época associado, ao que ele chama de “contracultura” e aos “novos” movimentos sociais, tais como a busca pelos direitos civis da população negra no sul dos EUA, o movimento feminista e o movimento homossexual (MISKOLCI, 2016. P.21). Mas o que Miskolci e Louro pretendem nas abordagens queer é justamente o deslocamento classificatório que, até mesmo no meio dos “homoafetivos”, essas definições preconceituosas e discriminatórias ainda prevalecem.

Guacira Lopes Louro em *Um corpo estranho* (2016) traz uma definição forte e profunda acerca do termo *queer*:

Queer é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2016).

A autora problematiza a necessidade da articulação desse movimento remetido aos estranhos e aos excêntricos em relação à Educação. Ela questiona de que forma as práticas pedagógicas podem romper com os binarismos e práticas educativas de normalização e ajustamento, para assim, poder pensar a sexualidade e os gêneros de uma forma plural. Dessa forma, a teoria *queer* traduz essas práticas identitárias que são sempre plurais e que, não somente contempla o gay, a lésbica, o *trans*, o andrógono, o colorido, o diferente, o menino

afeminado, a menina masculinizada, mas ultrapassa esses termos a fim de questionar a necessidade da fixidez das identidades impostas pela tradição heteronormativa. Tomaz Tadeu da Silva também aborda e contesta tais estabelecimentos de identidade e, ainda sobre a teoria *queer*, nos diz que “ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar [...] O *queer* se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade de modo geral (SILVA, 2010, p.107).” Para Silva, pensa-se de forma *queer* quando se questiona, se problematiza e se contesta todas as formas “corretas” do saber e das identidades, sendo nessa direção a teoria é vista como perversa, subversiva e profana.

Para Miskolci, os estudos *queer* vão modificar pressupostos acerca do homossexual e heterossexual contestando que ambos é uma construção histórica e que precisam ser repensadas. Outro aspecto é que a Teoria foi criada por feministas mulheres e homens. Assim, ao lidar com o gênero como algo cultural, “o masculino e o feminino estão em homens e mulheres, nos dois[...] independente do nosso sexo biológico (MISKOLCI, 2016, p.32). Para o autor essa teoria vem enriquecer os estudos gays e lésbicos na perspectiva feminista, lidando com gênero, sofisticando o feminismo em uma visão ampla, que vai para além das mulheres.

Mas o que define uma mulher atualmente? Será seu segmento sexual ou a imposição biológica ou cultural imposta a elas? Não! Majestosamente as mulheres não precisam e nem podem ser definidas e é justamente essa a proposta da Teoria *Queer*, pois abre caminhos subversivos para se pensar essas mulheres pesquisadas em uma perspectiva múltipla. A sensação de inquietude me veio ao deparar-me com essa possibilidade plural, pois antes da pesquisa prevalecia em meu pensamento, que uma(um) DJ não poderia modificar sua característica estética ou musical. Mas eis que um fecho de luz me atravessou e meus olhos foram desvendados. Pude então contemplar que, a influência das várias intervenções de sexualidades, desejos, músicas, estilos, cores, atitudes subversivas, pluralidade de estéticas vão construir de forma contínua e nunca acabada, as várias identidades dessas mulheres. Logo, eis a questão: Quem precisa de identidade?

### **Considerações finais**

Em vista dos argumentos apresentados, conclui-se que a DJ, um viés performático artístico, é uma afirmadora da vida possibilitando caminhos possíveis. Elas nos permitem que sejamos atravessados por signos musicais, produzindo assim emoções; nos faz borbulhar na efervescência de um sentimento que acontece no estar junto, onde este momento festivo se eterniza; nos permite possíveis “transes” na pista, pois nos transfere para além da fisiologia do sentimento e nos faz mergulhar na subjetividade de si para receber as potencialidades sonoras e percebamos assim o outro. É nesse sentido que essa “maldita” e “malvista” performer se presenteia. Figura descentrada que possui medalha de nômade em seu peito, pois está sempre na margem e nunca se fixa em um único local de trabalho, turbilhona a pista através da música, sendo ela sua arma mais potente. Através dela a DJ desperta o desejo, enlouquece e caotiza. Constrói monstros nas costas do original através da malandragem ou das artistagens das mixagens dos seus *sets*. É excêntrica por natureza, pois não segue rótulos tradicionais e estão sempre em constante mutação. Não são mais lésbicas, heterossexuais ou bissexuais, pois essas classificações fogem dos estudos *queer*, portanto são “mutantes híbridas” que fogem dos rótulos e definições, mas mesmo assim carregam doçura e a força do gênero na “diferença”. Essas mulheres DJs definitivamente subvertem a essência da fêmea construindo dessa forma, uma nova identidade de mulher: a que é temporária. É uma ciborgue musical munida de extrema sensibilidade. Homem-mulher-máquina eletrônica, lubrificadas de desejos e sentimentos. São deusas xamãs das pistas e sublimes “maestrinas” da música eletrônica, sensibilidade e da diferença.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSEF, Claudia. **Todo DJ já sambou**: a história do disc-jóquei no Brasil. 3.ed. – São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. **A mulher independente**. Trad. Sérgio Milliet. – Rio de Janeiro: PocketOuro, 2008.

\_\_\_\_\_. **O segundo sexo**. Trad.: Sérgio Milliet – 2.ed. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

LANGER, Susanne. **Filosofia em Nova Chave**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

\_\_\_\_\_. **Sentimento e Forma**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980.

LEVITIN, Daniel - **Music to my eyes: Cross-modal interactions in the perception of emotions in musical performance** - Cognition 118 (2011). Artigo disponível em: <http://daniellevitin.com/levitinlab/articles/2011-Feb%202011-Cognition.pdf>

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2ª ed.; 3ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção**: corpo, comunicação e socialidade; tradução de Jeremir Machado da Silva – Porto Alegre: Sulin, 2005.

\_\_\_\_\_. **No fundo das aparências**; tradução de Bertha Halpern. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças** – 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP, 2016.

PETRONILIO, Paulo. **Performances de um corpo infame: dança e cultura**. Artefactum – Revista de estudos em linguagem e tecnologia – Ano VII – nº 1/2015. Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/657>

ROSALDO, Michelle Zimbalist. **A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica**. In: A mulher, a cultura e a sociedade / coord. Michelle Zimbalist Rosaldo e Louise Lamphere; trad. Cila Anker e Rachel Gorenstein. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SACRAMENTO, Adriana Prates; SOUZA, Cláudio Manoel Duarte de (org.) **Pragatecno: uma outra cena da mesma**. Salvador: DaMãeJoana Casa Editorial, 2015. Ebook acessado em 10/10/2016 Disponível em: <https://pragatecno.wordpress.com/livro-ebook/>

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia**. 3. Ed. – São Paulo – Iluminuras: FAPESP, 2005.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. 1ª ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª edição. 1ª reimpressão – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.